

Um

Mistério

Complicado

UM MISTÉRIO COMPLICADO

Ana Luiza Sttavalle

Publicação

Literunico

São Paulo – SP, 2026

2ª edição

ISBN 978-65-02-40508-6

ISNI da autora: 0000 0005 3168 0819

<https://isni.org/isni/0000000531680819>

ANA LUIZA STTAVALLE

Um
Mistério
Complicado

Literunico

São Paulo – SP

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sttavalle, Ana Luiza

ISNI 0000 0005 3168 0819

Um mistério complicado / Ana Luiza Sttavalle. --

2. ed. -- São Paulo, SP : Literunico, 2026.

ISBN 978-65-02-40508-6

1. Ficção brasileira. I. Título.

26-340295.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

CONFIDENCIAL

Sumário

UM MISTÉRIO COMPLICADO

Prólogo	6
Capítulo 1	16
Capítulo 2	22
Capítulo 3	28
Capítulo 4	33
Capítulo 5	45
Capítulo 6	52
Capítulo 7	59
Capítulo 8	66
Capítulo 9	73
Capítulo 10	79
Capítulo 11	85



PRÓLOGO

Naquela noite chuvosa, as luzes da cidade se espalhavam pelas poças d'água como reflexos distorcidos de uma realidade que ninguém queria encarar. Em Chicago, no coração de um dos maiores estádios da cidade, a plateia ainda brilhava sob néons cor-de-rosa quando o som das sirenes rasgou o ar pesado e úmido, anunciando que algo estava terrivelmente errado.

Dentro do estádio, o camarim que horas antes exalava perfume, música e expectativa agora cheirava a sangue e silêncio. O espelho estilhaçado refletia fragmentos de uma vida interrompida no auge — e, sobre o carpete, uma mancha escura parecia gritar uma verdade em que ninguém queria acreditar.

A cantora Susie — ou Audrey Hinata, como poucos conheciam — estava morta.

Não havia sinais de luta. Nenhum bilhete de despedida. Nenhuma explicação plausível. Apenas um silêncio frio, denso, e a sensação de que um grito havia ficado preso naquele espaço, ecoando para sempre entre as paredes.

Do lado de fora, flashes explodiam sem cessar. Repórteres se empurravam em busca de respostas. Fãs choravam, incrédulos. O mundo queria entender o porquê — mas não havia respostas.

Enquanto o corpo era levado, ficava claro que aquela história não terminava ali. Pelo contrário, estava apenas começando.

Não nos palcos, mas nos tribunais.

A alguns quilômetros dali, uma jovem brasileira recém-formada em Direito dormia profundamente, alheia ao caos que tomava conta da cidade. Em seus sonhos, imaginava o primeiro dia no novo emprego, a chance de finalmente construir uma carreira promissora.

Ela não fazia ideia de que seu primeiro caso não seria uma simples disputa jurídica — mas um mistério sombrio que entrelaçaria seu destino ao da mulher que antes estampava capas de revistas e agora ocupava as manchetes policiais.

Seu nome era Olívia.

E o que começava como um sonho cheio de expectativas logo se transformaria em algo muito maior — um caso capaz de mudar para sempre a forma como ela enxergava a justiça, as pessoas ao seu redor e o próprio futuro.



SUSIE

(Ponto de Vista do Entrevistador)

Aquele não era um dia comum. A tensão dominava o estúdio — não por algo que tivesse acontecido, mas por alguém que havia chegado antes do horário marcado.

Quando vi a jovem cantora de cabelos curtos e escuros caminhando pelos corredores, o nervosismo tomou conta do ambiente. Ela veio em minha direção e me cumprimentou:

— Bom dia, tudo bem?

— Tudo. E a senhorita?

Com um sorriso tímido estampado no rosto, respondeu:

— Tudo bem. Peço perdão pelo atraso.

— Atraso? — perguntei, confuso.

— Sim, acabei pegando trânsito.

— Ainda faltam trinta minutos para a entrevista começar. Você não está atrasada, está tudo certo — tentei tranquilizá-la. — Já tomou café?

Susie se virou, pegou algumas caixas que havia deixado sobre uma mesa próxima e, com entusiasmo, disse:

— Tomei no caminho. Não sabia se vocês já tinham comido, então trouxe donuts e sucos de laranja para toda a equipe.

Ao perceber a quantidade de caixas, ajudei-a a abrir e organizar tudo sobre a mesa, para que todos pudessem se servir.

Enquanto comíamos, ela sugeriu:

— Já que cheguei mais cedo, podemos começar a entrevista assim que terminarmos?

Limpei as mãos com um guardanapo e confirmei:

— Claro. Podemos começar agora, se quiser.

— Perfeito.

Câmeras ligadas. Luzes acesas. Faltava apenas a frase tradicional do diretor:

— LUZ, CÂMERA, AÇÃO!

E então começou.

— Bom dia, telespectadores. Hoje estamos com uma das maiores divas pop do momento. — Virei-me para ela. — Susie, gostaria de se apresentar?

— Olá, pessoal! Sou Susie e é um prazer imenso estar aqui hoje.

— Primeiro, gostaria de agradecer por ter nos encaixado em sua agenda lotada. Sabemos que não é fácil conseguir uma entrevista com você. Como está o coração para a primeira turnê após a pandemia?

Ela soltou um leve riso.

— Meu coração acelera só de pensar nisso. Faz muito tempo que não vejo meus fãs, e a emoção é enorme. Inclusive, o segundo lote de ingressos para o show de Chicago já está disponível no site My Ticket.

Organizei as perguntas e continuei:

— Susie, surgiram boatos de que você teria plagiado o grupo TogetherOne em seu novo álbum, “Cherry”. Poderia esclarecer?

Ela ficou visivelmente desconfortável, mas respondeu sem hesitar:

— Em momento algum nos inspiramos em outro artista. A música que dizem que copiei foi lançada ontem. Meu álbum foi lançado há duas semanas. Se alguém deveria fazer uma acusação, sou eu.

A resposta foi direta — e chocou o estúdio inteiro.

Após mais algumas perguntas, chegamos à última:

— Para encerrar, quais três palavras definem sua nova turnê?

— Amor. Diversão. Emoção.

— Muito obrigado, Susie.

— Eu que agradeço.

Assim que as câmeras desligaram, Susie e seu agente, Arnold, aproximaram-se.

— Que pergunta foi aquela? — Arnold questionou.

— Qual pergunta?

Susie cruzou os braços.

— A do plágio. Pensei que não tocaríamos nesse assunto.

Coloquei os papéis sobre a mesa.

— Sinto muito, mas sou pago para fazer perguntas.

— Poderia pelo menos ter avisado — disse Arnold.

— Ninguém obrigou vocês a aceitarem a entrevista.

Susie fechou os olhos, respirou fundo e chamou:

— Arnold, peça o carro.

— Sim, senhorita.

E foi embora.



Entrei no carro e disse:

— Arnold, da próxima vez que essa emissora pedir entrevista, diga que estou ocupada.

— Sim, senhorita.

Ele colocou o cinto e retirou um papel do porta-luvas.

— Me pediram para entregar a letra da música nova.

Comecei a ler.

“Quem escreveu isso?”, pensei.

Aquilo parecia letra de música infantil.

Eu, Susie, a maior diva pop do momento, cantando algo que soava como se tivesse sido escrito por um unicórnio cor-de-rosa?

— Você sabe quem escreveu isso? — perguntei.

— Foi o sr. Lee.

— O quê? — comecei a rir, incrédula. — O sr. Lee escreveu isso?

— Há algum problema, senhorita?

— Sim. Todos.

Joguei o papel no banco ao lado e cruzei os braços.

— Ele disse se é para ser single ou trilha sonora de filme de princesa?

— Não, senhorita. Ele apenas pediu para entregar.

Rasguei o papel sem hesitar e finalizei minha decisão:

— Não vou cantar isso. Vamos logo para o ensaio.

Seguimos o trajeto ouvindo algumas músicas no carro, mas minha mente já estava longe dali.

A NOITE DO CRIME



Era a primeira vez em muito tempo que eu veria meus fãs.

As promoções do meu novo álbum haviam terminado no dia anterior, e a turnê estava prestes a começar. Como eu estava? Ansiosa. Mas também incomodada com algumas coisas que já vinham acontecendo há um bom tempo.

A maioria das pessoas sonha em ser famosa como se a vida fosse um mar de rosas. A verdade é que, quanto mais famosa você fica, mais pressionada é. A ponto de não conseguir formar ou expressar suas próprias opiniões. Em entrevistas, não posso responder do meu jeito. Tudo precisa ser filtrado, ajustado, ensaiado.

Esse é o famoso “preço da fama”.

Eu havia chegado ao local do show há pouco tempo. Fizemos a passagem de som e, após os ensaios, fui direto para o camarim me preparar para a grande noite.



Enquanto minha maquiadora finalizava minha maquiagem, eu cantarolava “*Never Hide from Love*”, a faixa principal do meu álbum de estreia. Em determinado momento, ela precisou sair para buscar um produto específico que sempre usava na minha pele.

Assim que ela saiu, percebi que minha voz havia ficado perfeita em um verso específico. Decidi gravar um áudio no celular para, quem sabe, compartilhar com os fãs no futuro.

Peguei o celular... mas acabei respondendo mensagens e gravando um vídeo rápido para as redes sociais:

— Oi, meus amores! Estou muito animada para ver todos vocês essa noite. Mal posso esperar para nos encontrarmos. Até breve!

Sorri para a câmera e finalizei.

Foi então que me lembrei da gravação de voz.

Mas algo estranho aconteceu. Não importava quantas vezes eu tentasse, minha voz não saía tão boa quanto antes. Eu repetia, repetia... nada parecia natural.

Até que, quando finalmente estava perfeito novamente, ouvi o barulho da porta se abrindo.

Pensei que fosse minha maquiadora, de volta com o produto que faltava. Mas eu estava errada.

Levantei-me.

Virei-me.

E meus olhos encontraram os de uma mulher desconhecida.

Cabelos curtos e loiros. Roupas básicas demais: casaco, camiseta, calça jeans, boné e máscara. Tudo preto.

Preto demais.

Foi então que entendi.

Uma fã. Não — algo pior.

Mas não tive tempo de reagir.

Ela avançou contra mim com uma faca na mão.

Fiquei paralisada.

E, por um segundo, um pensamento atravessou minha mente:

“Talvez agora eu finalmente seja livre.”

E então ela fez exatamente o que eu imaginei que faria.



(Ponto de Vista do Produtor Arnold)

Eu estava checando os últimos detalhes. Precisava falar mais alto do que o normal, porque os gritos dos fãs eram ensurdecedores.

De repente, vi Sasha correndo em minha direção. Ela estava chorando.

— Sasha, não temos tempo para conversar sobre nada pessoal agora — tentei dispensá-la.

— NÃO É ISSO QUE IMPORTA, SEU BABACA! — ela gritou, aos prantos.

— Como assim não importa? A Susie está contando com a gente para fazer esse show histórico e—

Ela me interrompeu, desesperada:

— E COMO VAMOS FAZER ESSE SHOW SE A SUSIE MORREU, ARNOLD?

O mundo parou.

— Como assim ela morreu? E o que é isso na sua mão?

— DEPOIS EU EXPLICO. CHAMA UMA AMBULÂNCIA AGORA!

Não pensei. Apenas corri para o camarim.

Quando cheguei, vi Susie caída no chão, imóvel, como uma boneca descartada.

A ambulância chegou rápido. Eu a acompanhei até o hospital.

E o resultado foi simples, cruel e definitivo:

Ela estava morta.

Agora precisávamos explicar isso aos milhares de fãs que aguardavam do lado de fora. Pessoas que dormiram na fila por dias.

Como se explica o inexplicável?



(Ponto de Vista de Sasha)

Eu ainda estava em choque quando meu celular tocou.

Era Arnold.

— Como você mesma disse... ela está morta. — Ele suspirou.

— Não temos muito tempo. Suba ao palco e avise que o show foi cancelado.

— O QUÊ? POR QUE EU?

— Porque logo os repórteres estarão aqui. É melhor que a notícia venha da equipe.

Fechei os olhos.

— Está bem.

O elevador do palco subia lentamente enquanto a música de abertura ecoava pelo estádio. Os fãs gritavam o nome dela em uníssono.

Mas os gritos cessaram quando o holofote principal revelou que não era Susie.

Era eu.

Respirei fundo e fui direta:

— Olá, pessoal. Como podem ver, eu não sou a Susie. Infelizmente, ela foi encontrada morta em seu camarim. Por isso, o show de hoje e todos os eventos futuros estão cancelados.

Fiz uma pausa.

— Sentimos muito. Agradecemos todo o apoio e carinho que deram a ela. Guardem na memória a garota alegre e gentil que ela sempre foi.

O elevador desceu novamente.

O estádio que antes vibrava de alegria se transformou em um mar de lágrimas, gritos e incredulidade.

Naquela noite, a trilha sonora que deveria ser composta por música e aplausos tornou-se um coro de choro, sirenes policiais e flashes de câmeras.

Os jornais já lucravam com a tragédia.

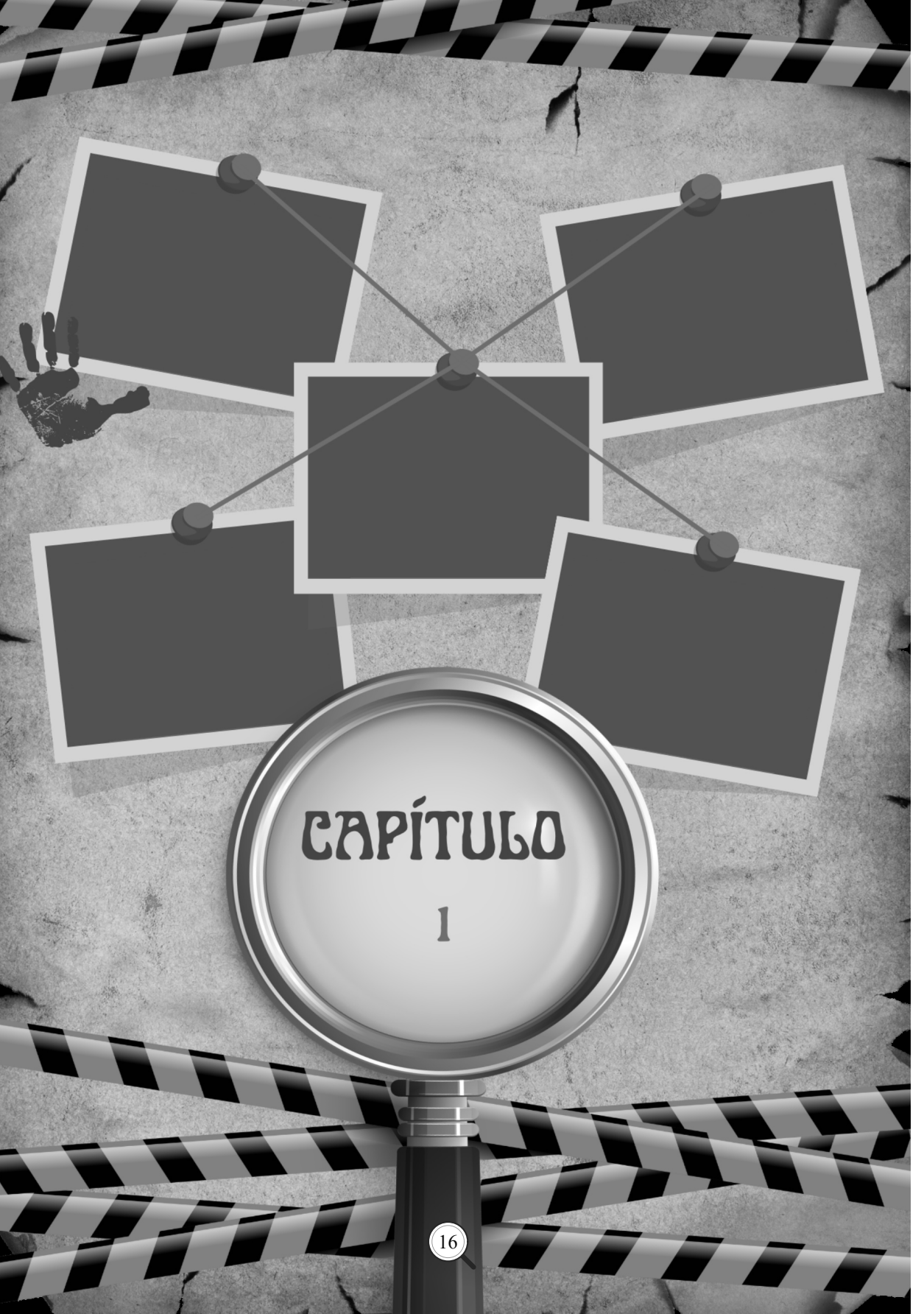
E eu?

Eu ainda tentava entender como, horas antes, ela estava sorrindo... e agora não existia mais.

Mas de uma coisa eu tinha certeza:

Se alguém a matou, essa pessoa vai pagar.

A Justiça será feita.



CAPÍTULO

1

Olá, eu me chamo Olívia. Tenho 26 anos e acabei de me formar em Direito.

Nunca achei que conseguiria uma vaga de emprego tão rápido. Sério. Eu tinha certeza de que demoraria meses até receber qualquer resposta — mas meus pensamentos estavam completamente errados. Fiz uma entrevista e, quatro dias depois, recebi a ligação.

Loucura, não é?

Hoje é o meu primeiro dia de trabalho. E, para completar, o tempo está estranho. Escuro demais para aquele horário, como se a noite tivesse decidido se prolongar além do normal...

— MENINA, VOCÊ NÃO OUVIU O DESPERTADOR? — a voz da Lilly ecoou pelo apartamento. — JÁ TE CHAMEI TRÊS VEZES! ACORDA, VOCÊ VAI SE ATRASAR!

— Já estou indo! — respondi, ainda meio perdida entre o sonho e a realidade.

Ah, esqueci de apresentar a Lilly. Ela é minha melhor amiga — ou pelo menos sempre foi — e dividimos um apartamento térreo, com acesso a um porão. Se você colocar nós duas lado a lado, a Lilly é, sem dúvida, a mais responsável.

Parece mentira. Mas é a mais pura verdade.

— Não sei como você ainda não está atrasada — ela resmungou da porta.

— Claro que não. Você me acordou às cinco e meia da manhã.

— E?

— EU TENHO QUE SAIR DE CASA ÀS SETE E MEIA!

— Olívia, entenda uma coisa: quanto mais cedo, melhor. Além disso, você estava tão ansiosa que falou dormindo.

— Não precisava ser tão cedo...

— E falar dormindo só aconteceu uma vez. Ou seja—

— Ou seja, vai logo — ela me interrompeu. — A advocacia abre às seis.

— Mas meu expediente começa às sete e cinquenta.

— Escuta sua melhor amiga e só vai.

— Tá bom. Tchau, Lilly.

— Tchau.

Acabei enrolando para me arrumar. Quando percebi, já eram sete e vinte. Saí praticamente correndo de casa, com medo de perder o ônibus.

Foi então que esbarrei em um rapaz alto que segurava uma garrafa de suco de laranja — aberta, claro. O impacto fez o líquido se espalhar direto no meu vestido.

— Meu Deus! — ele disse, claramente constrangido. — Moça, me desculpa! Eu tenho lenço umedecido, vai ficar tudo bem.

— Não, não, fica tranquilo — respondi, já analisando o estrago. — Tenho outro vestido como reserva.

— Mesmo assim, me desculpa. De verdade.

— Está tudo bem. Agora preciso ir, meu ônibus chegou. Tenha um bom dia!

— Igualmente!

Quinze minutos depois, finalmente cheguei à Advocacia Saint Peter. Quase atrasada. Para variar.

Corri até o banheiro para trocar de roupa e, felizmente, consegui me organizar a tempo. Pelo menos até sair e ser abordada por uma mulher parada próxima à mesa de informações.

— Bom dia. Você é a nova funcionária, certo?

— Sim... sou eu. Desculpa, mas quem é você?

— Ruby. Sou a secretária do doutor Paul. Você vai fazer parte da equipe dele.

— Equipe?

Ela me analisou de cima a baixo antes de responder.

— Não te explicaram como funciona?

— Seriam grupos dentro da advocacia?

— Parabéns, acertou — disse, com um sorriso que não chegou aos olhos.

— Sério?

— Não. — Ela soltou um riso curto. — Aqui na Saint Peter, cada advogado líder tem o seu grupo. Você supervisiona, nós executamos.

— Entendi... e qual é o meu grupo?

Ela consultou o computador.

— Doutor Paul. Terceiro andar, sala 30. A última à esquerda.

— Muito obrigada. Tenha um bom dia.

— Igualmente, minha querida.

“Minha querida.” Sempre que alguém falava comigo assim — voz doce demais, intimidade rápida demais — eu ficava desconfiada. Experiência própria: geralmente, essas pessoas não eram exatamente sinceras.

Bati levemente na porta antes de entrar.

— Com licença, doutor Paul. Bom dia.

— Bom dia. Você deve ser a nova advogada.

— Sou sim. Olívia.

Ele franziu a testa por um instante.

— Espera... você não é a garota em quem eu derramei suco no ponto de ônibus?

— Sou eu mesma.

Ele riu.

— Que coincidência. Bom, sente-se. Preciso te fazer algumas perguntas. Pronta?

— Pronta.

— É seu primeiro emprego?

— Já trabalhei como recepcionista de cinema e caixa de supermercado. Mas como advogada... sim, é o primeiro.

— Seja bem-vinda à Advocacia Saint Peter.

— Muito obrigada.

— Hoje você vai conhecer o local e a equipe. Já falou com alguém?

— Com a Ruby.

— Ótimo. Então vamos.

A sala da equipe ficava ao lado do escritório dele. Assim que entramos, a conversa animada cessou por alguns segundos.

— Pessoal, atenção — disse o doutor Paul. — Quero apresentar a nova integrante da equipe. Esta é a advogada Olívia.

Senti meu rosto esquentar. Eu era tímida, e ser observada por um grupo inteiro de desconhecidos definitivamente não ajudava.

— Pode se apresentar — pediu ele.

Respirei fundo.

— Meu nome é Olívia, tenho 26 anos. Essa é minha primeira experiência em uma advocacia. Me formei há oito meses e estou muito feliz por estar aqui.

Uma mulher de cabelo preto, na altura dos ombros, levantou-se e estendeu a mão.

— Eu sou a Zoey. Prazer.

— O prazer é meu.

Depois vieram os outros:

— Max.

— John.

— Lisa.

— Billy.

— Muito obrigada — respondi, já um pouco mais relaxada. —

Estou realmente feliz por fazer parte da equipe.

— Lisa e Zoey — disse o doutor Paul — mostrem a advocacia para a Olívia.

— Claro! — respondeu Lisa.

— Vamos? — completou Zoey.

A advocacia era enorme. Entre apresentações e papelada, só terminamos quase no fim do dia. Lisa precisou sentar um pouco durante o tour, mas disse que estava apenas cansada. Eu já me sentia parte de algo.

Antes de irmos embora, encontramos o doutor Paul novamente.

— Pelo visto, já se entrosaram.

— Já sim — disse Zoey.

— Ótimo. Como hoje foi o primeiro dia da Olívia, podem ir para casa. Amanhã passo o primeiro caso para ela. Quero todas descansadas.

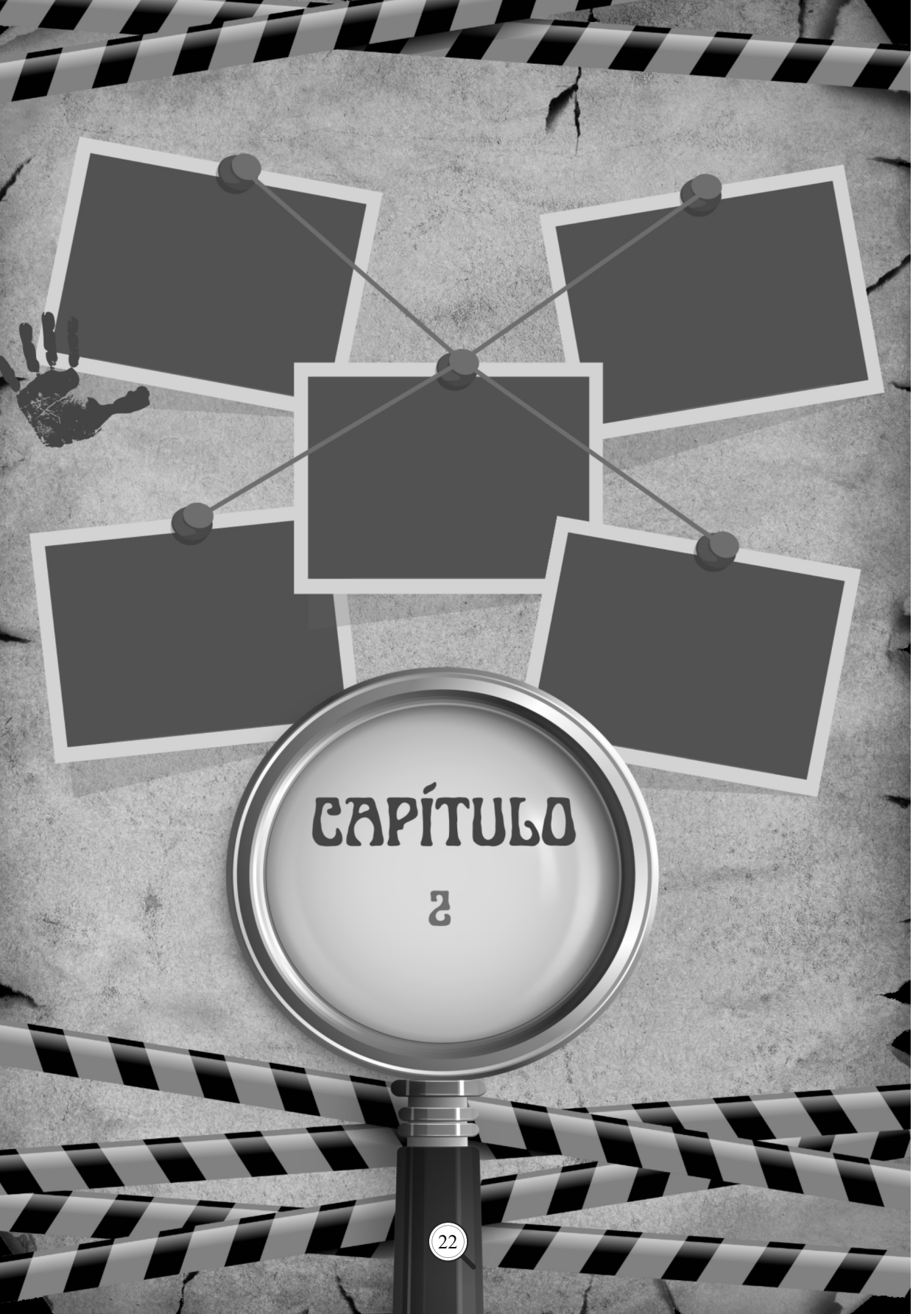
— Certo — respondemos juntas.

— Tenham uma boa noite.

— Igualmente.

Seguimos juntas até o ponto de ônibus. Depois, cada uma tomou seu caminho.

E eu ainda não fazia ideia de que aquele havia sido apenas o começo.



CAPÍTULO

2

C heguei em casa e estranhei imediatamente o silêncio.

As luzes estavam apagadas — o que não era nada comum. Sempre que a Lilly precisava sair, ela me avisava. Quando não dava tempo, deixava um bilhete na bancada da cozinha.

Sempre.

Dessa vez, não havia nada.

Um aperto estranho se formou no meu peito. Chamei por ela, mas não obtive resposta. Então comecei a procurá-la pelo apartamento.

Depois de alguns minutos, encontrei a Lilly no quarto. Sentada na cama. Chorando. Mas não era um choro comum.

Para você ter uma ideia, ela usava máscara de cílios todos os dias — sem exceção. Agora, o rosto estava borrado de preto, como um urso panda triste demais para se importar com a própria aparência.

A Lilly só chorava daquele jeito quando alguém morria.

Meu coração gelou.

— Lilly... — me aproximei devagar. — Por que você está chorando?

Ela levantou o rosto. Os olhos estavam vermelhos e inchados.

— A cantora Susie morreu.

— Como assim?

— Ela estava se preparando para o primeiro show em Chicago — disse entre soluços. — A maquiadora encontrou ela inconsciente no camarim.

— Meu Deus... — sussurrei, sentindo o impacto da notícia. — Sinto muito. Você estava tão animada para o show da semana que vem...

— Eu sei. — A voz falhou. — Não acredito que ela não está mais aqui.

Para ser sincera, eu nunca fui fã de pop. Não gostava das batidas animadas demais, das letras sobre amores impossíveis, das coreografias ensaiadas como se a vida fosse sempre cor-de-rosa.

Mesmo assim, doía.

Doía por ver a Lilly daquele jeito.

Doía pela Susie.

Doía pela família dela.

Ela era jovem. Tinha um futuro inteiro pela frente. Toda vez que cantava, seus olhos brilhavam como lanternas acesas — era impossível não perceber o quanto amava o que fazia.

Eu conhecia a Lilly o suficiente para saber como funcionava o luto dela. Normalmente, pedíamos pizza e, no dia seguinte, passávamos horas comendo tudo o que fosse pouco saudável e muito reconfortante.

Mas agora eu trabalhava.

Então, naquela noite, apenas jantamos juntas. E eu prometi a mim mesma que faria o possível para vê-la sorrir novamente.



Na manhã seguinte, consegui acordar cedo — apesar de termos ido dormir às duas e meia da madrugada. A Lilly ainda estava abatida, o que era completamente compreensível.

Preparei o café da manhã e deixei um bilhete ao lado do prato:

Espero que goste.

Se as panquecas estiverem frias, coloque na torradeira.

Tem mais calda na geladeira.

Volto mais tarde.

— Olívia

Alguns minutos depois, cheguei à advocacia.

Ainda não sei como possuo esse talento inexplicável de quase me atrasar, mas nunca chegar realmente atrasada. Faltavam cinco minutos — e, se eu não tivesse corrido até a sala da equipe do doutor Paul, teria sido a primeira vez na vida.

Assim que entrei, Lisa e Zoey me viram e apontaram para uma cadeira entre as duas.

— Ok — disse Lisa, me encarando. — Você precisa me ensinar o tutorial de como nunca se atrasar.

— Concordo — completou Zoey. — Quero esse tutorial pra ontem. Eu sou a pessoa mais atrasada da face da Terra.

— Zoey — Lisa riu —, se existisse o cargo de “pessoa mais atrasada do mundo” naquele livro famoso de recordes, ele seria seu.

Começamos a rir. Até que a conversa mudou de rumo.

— Gente... — falei. — Vocês ficaram sabendo que a cantora Susie morreu?

O riso desapareceu.

— Sim — respondeu Zoey, ficando séria. — Minha irmã mais nova adorava ela. Ficou arrasada. Estava superanimada para o show.

— Vocês estão brincando, né? — Lisa arregalou os olhos.

— Pior que não.

O que deveria ser apenas um “bom dia” virou uma conversa longa enquanto esperávamos o doutor Paul chegar.

— Mas como isso aconteceu? — Lisa perguntou.

— Pelo que eu li, a causa da morte ainda não foi divulgada — disse Zoey.

— Ela foi encontrada morta no camarim, enquanto se preparava para um show em Chicago — completei. — Só isso foi revelado até agora.

— Nossa... ela era tão jovem — Lisa murmurou.

— Vocês sabiam que Susie não era o nome verdadeiro dela? — perguntei.

— Sério? — Zoey se inclinou na cadeira.

— Qual era? — Lisa quis saber.

— Audrey Hinata.

— Hinata? — Zoey franziu a testa.

— Ela nasceu no Japão. O pai era americano, e a mãe japonesa.

Continuamos conversando por alguns minutos, até que, depois de uma verdadeira eternidade, o doutor Paul finalmente chegou.

E, dessa vez, não veio apenas para dar bom dia.

Veio com o meu primeiro caso.

Meu coração disparou. Eu estava animada e nervosa — afinal, era o meu primeiro caso como advogada.

Mas não era um caso simples.

— Bom dia, pessoal — disse ele. — Desculpem o atraso, peguei trânsito. Agora vamos ao que interessa. Quero que analisem essa foto.

Ficamos observando a imagem em silêncio.

— Conseguem fazer uma análise rápida? — perguntou.

Levantei a mão, sentindo um frio na barriga.

— O local da foto é um camarim — comecei. — No tapete, próximo à penteadeira, há uma grande mancha de sangue. O espelho está quebrado.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

— Há pingos de sangue espalhados, o que indica uma alta probabilidade de homicídio.

Ele assentiu.

Então percorreu a sala com o olhar, criando um suspense longo demais.

— Olívia, Zoey e Lisa — disse por fim. — A família de Susie nos contratou. Vocês acompanharão o caso e repassarão à polícia o que descobrirem. Estamos entendidas?

Nos entreolhamos e assentimos.

— Sim.

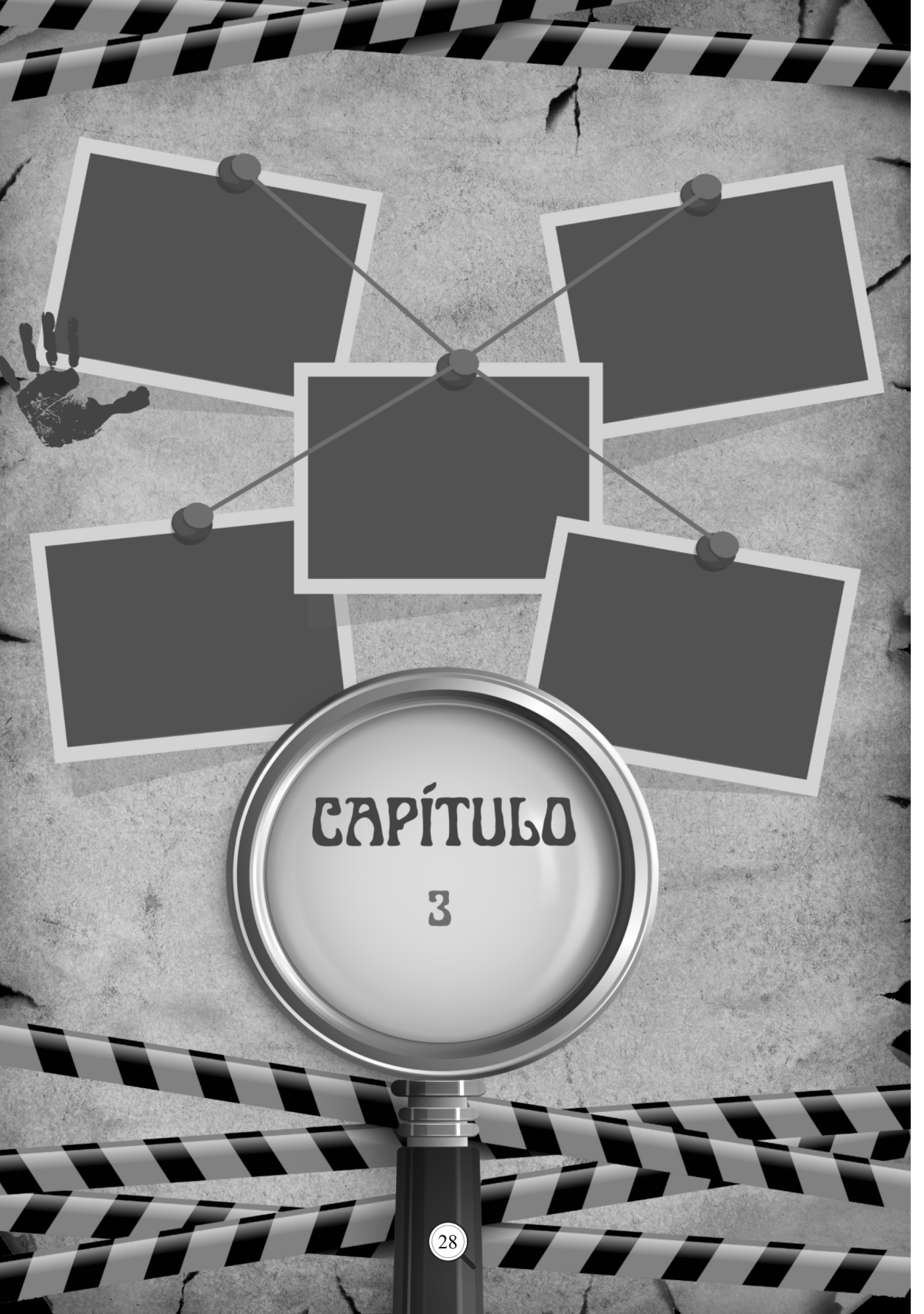
Assim que ele anunciou, alguns advogados começaram a cochichar. De repente, parecíamos as “queridinhas” do doutor Paul.

Após a reunião, pedimos autorização para visitar o camarim da Susie ainda naquele dia. Queríamos iniciar a investigação imediatamente.

E, para nossa surpresa, a visita foi autorizada depois da perícia, acompanhada por um investigador.

O que eu ainda não sabia...

Era que aquele caso mudaria tudo.



CAPÍTULO

3

Levamos alguns itens que poderiam — ou não — ser úteis:

- bloquinhos de anotações,
- canetas,
- sacos plásticos para possíveis pistas,
- tubos, caso encontrássemos líquidos suspeitos,
- uma lanterna,
- e uma câmera fotográfica.

Depois de alguns minutos, chegamos ao local.

A primeira coisa que fizemos foi solicitar as imagens das câmeras de segurança. Não demorou muito para encontrarmos algo... estranho.

Em uma das gravações, Susie aparecia caminhando pelos corredores enquanto cantarolava, seguindo direto para o camarim.

Na outra, uma mulher de cabelos loiros e curtos, vestida com roupas pretas e discretas, fazia exatamente o mesmo trajeto.

Ou seja, entrou no camarim logo depois dela.

Aquilo já era o suficiente para levantar suspeitas.

Seguimos então para o camarim. Estávamos em uma casa de shows, e o ambiente ainda carregava um clima pesado — como se o ar tivesse ficado preso no exato momento em que tudo aconteceu.

E não... não era só o espelho quebrado e o sangue.

O investigador nos mostrou uma cópia da gravação encontrada no celular de Susie. Era uma a cappella de *Never Hide from Love*, sua primeira música. A voz dela soava limpa, leve... até ser interrompida abruptamente por um grito.

Um grito que parecia ser dela.

Depois disso, silêncio.

Além do espelho trincado e das manchas de sangue, as fotos da perícia mostravam a faca recolhida no camarim.

Até então, a possibilidade de assassinato era apenas uma hipótese.

Agora, era praticamente uma certeza.

Noventa e nove vírgula nove por cento.

Lisa escutava a gravação pela terceira — ou talvez décima — vez, como se tentasse ouvir algo que nós não havíamos percebido. A busca já havia terminado. Só precisávamos ir embora.

Mas ela continuava ali, parada, com os fones no ouvido.

Zoey e eu começávamos a perder a paciência.

— Lisa — chamei. — Até quando você vai continuar ouvindo isso?

— Até descobrir o motivo do grito — respondeu, sem tirar os olhos do celular. — Será que ela foi assassinada?

— Nós já descobrimos isso — Zoey retrucou.

Lisa arregalou os olhos.

— Sério? Por que ninguém me avisou?

Zoey se aproximou com um sorriso sarcástico, como se fosse sussurrar algo. Mas o sorriso desapareceu no meio da frase, e ela praticamente gritou:

— VOCÊ ESTAVA NO MUNDO DA LUA! HÁ NOVENTA E NOVE VÍRGULA NOVE POR CENTO DE CHANCES DE TER SIDO ASSASSINATO! E JÁ FAZ MAIS DE TRÊS HORAS QUE SABEMOS DISSO!

— Nossa, não precisava gritar! — Lisa reclamou. — Mas então... por que ainda estamos aqui?

— Porque você não para de ouvir essa gravação! — respondi. — Vamos logo. Ainda precisamos entregar tudo ao doutor Paul.

Depois de mais de cinco horas na casa de shows, finalmente fomos embora.

Quer dizer... voltamos para a advocacia.

Entregamos as evidências ao doutor Paul. Ele disse que analisaria tudo com mais calma no dia seguinte, já que estava tarde. Então arrumamos nossas coisas e nos preparamos para sair.

Antes disso, entreguei um pendrive com as imagens das câmeras de segurança ao Max e pedi que fizesse o download. No dia seguinte, tentaríamos identificar possíveis suspeitos.

Foi então que algo estranho aconteceu.

Enquanto me dirigia ao portão de saída, senti um olhar fixo sobre mim.

Ruby.

Ela me encarava sem qualquer disfarce.

Por um instante, pensei que não fosse nada demais. Talvez ela simplesmente não gostasse de mim. Ignorei e segui para casa.

No caminho, pensei na Lilly.

Eu sabia que ela estava de luto pela artista favorita, mas, desde que comecei a trabalhar, ela sempre perguntava como tinha sido meu dia. Só que... como explicar que meu primeiro caso como advogada era justamente investigar a morte da cantora que ela mais amava?

Quando cheguei em casa, tentei passar despercebida. Fracasso total.

Lilly estava no sofá, assistindo TV. Tentei ir direto para o quarto, mas mal dei dois passos quando ela perguntou, sem tirar os olhos da tela:

— Já chegou, Olívia? Como foi o seu dia?

Suspirei.

— Sim, já cheguei... e foi bom. Recebi meu primeiro caso hoje.

Arrependimento imediato.

— Sério? — ela se animou. — E qual é?

— Lilly...

— Fala logo!

— Você precisa prometer que não vai ter nenhuma reação negativa, ok?

— Ok. Agora fala!

Naquele momento, eu só queria fugir. Então falei rápido — rápido demais:

— Meu primeiro caso é descobrir a causa da morte da Susie. Boa noite.

Tentei correr para o quarto, mas fui interrompida por um abraço forte.

Muito forte.

— SÉRIO?! — Lilly praticamente gritou. — Muito, muito obrigada! Você não faz ideia do quanto eu estou grata! De verdade!

— Ok — respondi, quase sem ar. — Já entendi... posso ir agora?

— Pode — ela riu. — Mas por que tanta pressa?

— Foi um dia longo. Só quero tomar banho e dormir.

— Entendo. Amanhã deve ser ainda mais produtivo. Vai descansar.

— Boa noite, Lilly.

— Boa noite, Olívia.

Entrei no quarto sentindo um alívio inesperado.

Eu realmente achei que a reação dela seria pior.

Mas Lilly parecia tranquila demais.

E, de alguma forma, isso me incomodou.



CAPÍTULO

4

Na segunda-feira seguinte, 12 de agosto, voltamos às imagens. A polícia havia enviado novas gravações.

Para ser sincera, os últimos dias pareceram estranhamente semelhantes — o mesmo cansaço, a mesma ansiedade silenciosa, o mesmo peso no ar.

A única diferença real estava no trabalho.

Dessa vez, assistimos às imagens das câmeras de segurança em velocidade reduzida.

Quadro por quadro.

Segundo por segundo.

E foi assim que deixamos de ter apenas suposições.

Passamos a ter suspeitas.

Ou melhor...

Suspeitas demais.



Primeira suspeita
Annie Ashley



Estadunidense, 22 anos. Modelo.

Annie não era apenas próxima da vítima. Era sua melhor amiga.

Segundo as mensagens encontradas no celular de Susie, a relação entre as duas estava longe de ser perfeita. Havia inveja — explícita demais para ser ignorada. Minutos antes da morte, as conversas registravam um conflito intenso, com palavras duras demais para serem ditas, mesmo em momentos de raiva.

Palavras que, uma vez pronunciadas, não podiam ser apagadas.



SEGUNDA SUSPEITA EMMA COOPER

Canadense, 25 anos. Advogada.

Emma era conhecida como irmã de consideração da vítima.
Sempre presente. Sempre próxima.

As imagens das câmeras de segurança confirmavam isso: ela aparecia diversas vezes nos corredores, em horários estratégicos.

Contato constante.

Presença frequente.

Próxima demais para não levantar dúvidas.



TERCEIRA SUSPEITA SASHA ANNE

Australiana, 28 anos. Maquiadora.

Sasha foi a última pessoa a ter contato direto com Susie.

As imagens mostravam sua saída apressada do camarim pouco antes do ocorrido. Um detalhe específico chamou nossa atenção: as pontas dos dedos estavam sujas de vermelho.

A princípio, poderia ser maquiagem. Sombra. Batom. Produto caro, talvez.

Mas... e se não fosse?

O tom era parecido demais com sangue para ser ignorado.

Talvez fosse apenas um acidente de trabalho.

Talvez não.

E era exatamente esse o problema.

Nenhuma daquelas mulheres parecia totalmente inocente.

Mas nenhuma parecia culpada o suficiente.

Enquanto observávamos as telas, ficou claro que aquele caso estava longe de ser simples. Cada pista levantava mais perguntas do que respostas.

E, pela primeira vez desde que comecei a advogar, tive certeza de uma coisa: A verdade não seria confortável para ninguém.



ANNIE ASHLEY

Nós nos conhecemos no primeiro ano do ensino fundamental.

Desde pequenas, gostávamos de dançar. Sonhávamos juntas.

Mas tudo começou a mudar no segundo ano do ensino médio.

Nossa escola fechou parceria com um canal de TV que produzia um dos realities mais famosos do país: **Astro Star**. O programa buscava um jovem talento para se tornar dançarino profissional e integrar o legado da cantora Celeste, que estava prestes a se aposentar da chamada “Realeza do Pop”.

Combinamos que participaríamos juntas.

Mas a regra mudou.

As apresentações passaram a ser individuais. Quem tentasse burlar isso seria automaticamente desclassificado.

E foi ali que tudo começou a desmoronar.

Naquele mesmo período, eu havia conseguido bolsa em uma escola profissionalizante. Sofri bullying. Meus pais precisaram me tirar de lá.

Contei tudo para Susie — ou Audrey, como eu ainda a chamava.

Quando as inscrições do Astro Star abriram, conversamos:

— Amiga, você tem certeza de que vai se inscrever? — ela perguntou.

— Claro. Você sabe que é o meu sonho.

Ela hesitou.

— Annie... estou preocupada.

— Por quê?

— E se você sofrer bullying de novo? Ainda mais depois de se expor em rede nacional.

Olhei para baixo. Pensei.

— Mas e o meu sonho?

— Existem escolas melhores. Realities maiores que o Astro Star.

Você pode ter oportunidades ainda melhores.

As palavras dela fizeram sentido.

Desisti.

Mas antes, perguntei:

— Audrey... você vai se inscrever?

— Tá doida? Se você não vai, eu também não vou.

Eu acreditei.

Até o dia da estreia ao vivo.

Audrey estava lá. Arrumada. Brilhando. Se apresentando.

Chorei naquela noite enquanto todos dormiam. Não havia ninguém com quem desabafar. Se contasse aos meus pais, destruiria a amizade entre nossas famílias.

Quando ela venceu o programa, fiquei feliz.

Mas também pensei: “Poderia ter sido eu.”

Decidi manter a amizade.

Mas, no fundo, fiz uma promessa silenciosa: um dia, ela pagaria pelo que fez.

Anos depois, minutos antes de morrer, tivemos nossa última conversa.

— Você que foi bobinha — ela disse. — Todo mundo sabe que fiz aquilo para você não conseguir. Pelo menos não antes de mim.

Senti o chão desaparecer.

— Você não falou isso... falou?

— Falei.

Comecei a chorar.

— Sempre achei que você tivesse se arrependido... que pediria desculpas.

Ela riu.

— Por que eu pediria?

E desligou.

Essa foi a última vez que ouvi sua voz.

Eu nunca imaginei que seria... realmente a última.

EMMA COOPER



Conheci Audrey quando ela tinha dois anos e eu cinco. Nossos pais eram amigos. Brincávamos de casinha. Ela era doce, risonha, carinhosa com todos.

Depois que se mudou para Chicago, algo mudou.

Quando nos reencontramos anos depois, Audrey tinha 17 anos, acabara de vencer o Astro Star — e já não era a mesma menina. Entendo que as pessoas mudam. Crescemos. Evoluímos.

Mas nela, a mudança parecia dura demais.

Antes do Astro Star, ela era gentil.

Depois, tornou-se arrogante.

Distante.

Até que, um dia, pediu desculpas.

E aos poucos, a antiga Audrey começou a reaparecer.

Dias antes do show em Chicago, fizemos uma videochamada.

Foi nostálgico.

— Nem acredito que já faz tanto tempo assim — disse ela.

E por alguns minutos, parecia que nada havia se quebrado entre nós.

— Pois é... estou me sentindo velha agora — respondi, tentando prolongar a conversa. Sentia que, a qualquer momento, ela desligaria. E eu não queria que desligasse.

— Lembra de quando a gente brincava de casinha no parquinho e você ficou presa no escorregador? — Audrey perguntou, soltando aquela risada contagiante que sempre me desmontava.

— Acho que você não deveria ter lembrado disso.

— Ah, vamos combinar que foi engraçado.

— Deve ter sido. Todas as outras crianças riram da minha cara.

Começamos a rir tanto que nossos rostos ficaram vermelhos como pimentões. Era leve. Era antigo. Era familiar.

Até que Audrey mudou o tom:

— Emma, você vai estar livre essa semana?

— Que dia?

— Domingo.

Pensei nos compromissos. Mentalmente, reorganizei minha agenda.

— Sim, estarei. Por quê?

O entusiasmo dela atravessou a tela.

— Vou fazer um show aqui em Chicago. Eu queria muito que você viesse.

Ela nunca tinha me convidado antes.

Meu coração aqueceu.

Mas eu morava em Milwaukee, Wisconsin — perto o bastante para uma visita, mas ainda assim distante. E foi ali que surgiu uma ideia.

Uma surpresa.

— Audrey... muito obrigada pelo convite. Você não tem noção do quanto isso significa pra mim. Mas não vou conseguir ir. Meu carro vai estar na oficina.

Mentira.

O sorriso dela vacilou por um segundo. Ainda assim, ela tentou manter o brilho.

— Sério? Que pena... seria tão bom te ver lá. Mas tudo bem. Quem sabe na próxima?

— Eu vou assistir pelas lives. E vou torcer muito por você.

— Depois me conta o que achou, por favor?

— Faço questão de te ligar.



Cheguei ao local do show antes dela.

Uma das funcionárias me ajudou a entrar pelos fundos, sem que Audrey percebesse. Fui conduzida até o camarim.

Missão surpresa: concluída.

Pouco tempo depois, a estrela da noite entrou.

— Meu Deus! O que você está fazendo aqui? — ela disse, correndo até mim como se não me visse há quinhentos anos.

— Como assim “o que estou fazendo aqui”? Vim ver minha irmã favorita.

Assim que o camarim ficou vazio, conversamos como não conversávamos há anos.

E então, inesperadamente, ela disse:

— Emma... você pode me perdoar?

— Pelo quê?

— Pela época do Astro Star. Eu mudei. A fama subiu à cabeça. Eu me afastei de você. Das minhas amigas. Até de mim mesma. E nunca pedi desculpas.

Eu já tinha perdoado.

Mas não esperava ouvir aquilo.

A única reação que tive foi abraçá-la.

— Você não precisa pedir desculpas. Você passou por muita coisa. Reality show não é fácil. Está tudo bem.

Choramos juntas.

Mas o tempo não espera.

— Chega de chorar — eu disse. — Você precisa se arrumar. Daqui a pouco é a hora de subir no palco.

— Até daqui a pouco.

— Até.

Horas depois, quando recebi a notícia, só conseguia pensar naquela conversa.

O pedido de desculpas que não veio em cinco anos... veio justamente naquele dia.

Como se fosse despedida.



SASHA ANNE

Eu era maquiadora da Susie desde o Astro Star.

Naquela época, eu ainda estava começando na carreira. As maquiadoras mais experientes da equipe faziam de tudo para me derrubar.

E Susie via. E me defendia.

No dia em que venceu o programa, o apresentador perguntou:

— Susie, agora que você ganhou, tem alguma exigência para assinar com a gravadora patrocinadora?

Ela respondeu sem hesitar:

— Tenho.

— Qual?

— Só assino se Sasha Anne vier comigo como minha maquiadora oficial. Se ela não for aceita, eu não assino com ninguém.

O estúdio ficou em silêncio.

— Por que ela? Temos profissionais mais experientes.

Susie encarou o apresentador.

— Porque as “profissionais experientes” passam o dia tentando diminuir ela. E isso não vai acontecer mais. Eu prometo.

Naquele momento, eu chorei.

Depois que as câmeras desligaram, fui tirar sua maquiagem. Ela estava lendo uma revista.

— Susie... tem certeza do que fez?

Ela me olhou pelo espelho.

— Eu não aceito que diminuam ninguém. E você também não deveria aceitar.

— É que...

— “É que” nada. Se você não reage, vira cúmplice.

— Cúmplice?

— Sim. Porque permite que continuem fazendo com outros.

A gravadora me aceitou.

Trabalhamos juntas por cinco anos.

Cinco anos intensos.



Quando estava terminando de maquiá-la naquele dia, lembrei que havia deixado um produto específico no carro. Ela tinha pele sensível. Não podia ficar sem ele.

Saí rapidamente.

Quando voltei...

Ela estava no chão.

Primeiro achei que fosse brincadeira.

— Susie, sei que você quer ser atriz, mas essa piada já perdeu a graça.

Silêncio.

Toquei seu braço.

Minha mão ficou vermelha.

Sangue.

Não era mais brincadeira.

Era emergência.

Conheci Arnold por causa dela. Ele era o agente. Também foi meu namorado.

Quando terminamos, eu não aceitei bem. Admito. Corri atrás dele mais vezes do que deveria. Recitei poemas. Chorei.

Vergonha? Sim.

Mas naquele momento, só havia uma pessoa para avisar.

— COMO ASSIM ELA MORREU? E O QUE É ISSO NA SUA MÃO? — ele gritou.

— DEPOIS EU EXPLICO! CHAMA UMA AMBULÂNCIA, AGORA!

Ele foi para o hospital com ela.

E eu fiquei responsável pela parte mais cruel de todas:

Subir ao palco.

E contar para milhares de fãs que a estrela da noite estava morta.



CAPÍTULO

5

Na quarta-feira, depois de mais dois dias de trabalho, cheguei em casa exausta.

Mas algo estava errado.

O silêncio.

As luzes apagadas.

Nenhum som vindo da cozinha.

Não encontrei a Lilly em lugar nenhum. Chamei seu nome, passei pela sala, pelo banheiro, pelo quarto dela... nada.

Um incômodo começou a crescer dentro de mim.

Lilly nunca saía sem avisar. Nunca.

Depois de alguns minutos, finalmente a encontrei.

E foi aí que o meu estômago revirou.

Ela estava na cozinha, de costas para mim, usando um avental branco — daqueles de cozinheira. Só que o tecido não estava limpo.

Havia uma mancha vermelha.

Escura demais. Espessa demais.

Forte demais para ser ignorada.

Por um segundo, pensei que fosse sangue.

E, sinceramente... achei que era.

Mas o que realmente me fez gelar foi o tom casual da voz dela.

— Nossa... você chegou tarde, né?

Como se nada estivesse errado.

— Sim — respondi, tentando controlar a respiração. — Teve um apagão na advocacia...

Enquanto falava, meus olhos voltaram para a mancha. Meu coração acelerou.

— O que é isso no seu avental? — perguntei, sem conseguir esconder o susto.

Lilly piscou duas vezes.

Depois riu.

Um riso pequeno demais. Forçado demais.

— Isso? É maquiagem. Estou fazendo um curso, lembra?

Ela começou a suar. Eu conseguia ver.

— Ah... sim — menti, assentindo. — Claro. Bom... já está ficando tarde. Te vejo amanhã.

— Espera, Olívia.

Tudo o que eu queria era ir para o meu quarto e trancar a porta.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Ela me observou por alguns segundos longos demais.

— Para você... o que parecia aquela mancha?

Meu coração quase parou.

Ela queria saber o que eu tinha visto.

— Nada. Boa noite.

— Boa noite.

02:22.

Eu estava acordada.

Sabia que havia algo muito errado ali.

Esperei. Fiquei imóvel na cama até ouvir a respiração dela ficar pesada, constante. Aquela era a minha única chance.

Entre todos os cômodos da casa, havia um que eu sempre evitava.

O porão.

Desci com cuidado. Cada degrau rangia alto demais no silêncio da madrugada. Lilly acordava com qualquer barulho. A porta do porão estalou ao abrir — um som seco, quase acusador — mas, por sorte, ela não acordou.

Quando acendi a luz, senti o ar fugir dos meus pulmões.

Manchas.

No chão.

Várias.

No começo, tentei me convencer de que era maquiagem. Tinta.

Algum produto de teste.

Até ver a faca jogada perto da parede.

Com uma mancha escura na lâmina.

Parecia sangue. Não quis chegar perto para conferir.

E então eu vi o quadro.

Fotos coladas, organizadas como um mapa macabro. No centro, a silhueta de uma mulher muito parecida com Susie — marcada com um grande “X” vermelho.

Meu corpo travou.

Ao redor, outras fotos.

Destacadas.

Como se fossem... as próximas.

E, entre elas, uma imagem rasgada.

Era uma foto nossa.

Eu e Lilly. Anos atrás.

Minha mente entrou em colapso.

Eu era a melhor amiga dela.

Eu era a advogada do caso.

Eu era...

Um alvo?

Fotografei o quadro e a faca com o celular. Depois, só quis sair dali.

Mas quando me virei, ela estava na escada.

Parada.

Braços cruzados.

Sorrindo.

— Olha só quem achou o meu esconderijo.

O medo me paralisou. Eu não sabia do que ela era capaz.

Então fiz a única coisa possível.

Fingi.

— Esconderijo? — ri, nervosa demais. — Do que você está falando? Eu estava no meu quarto...

Olhei ao redor como se estivesse completamente perdida.

— Nossa... como eu vim parar aqui? Acho que sou sonâmbula.

Melhor eu voltar para o quarto. Boa noite!

Ela me encarou.

Um, dois, três segundos que pareceram eternos.

— Boa noite.

Subi as escadas sem correr.

Só fechei a porta do quarto quando tive certeza de que ela não estava atrás de mim.

Tranquei.

Encostei na porta.

E tremi.

Não me sentia segura.

Peguei o celular com as mãos trêmulas e mandei mensagem para Zoey.

Olivia: Zoey, está acordada? É uma emergência.

Zoey: Sim. Eu ia te chamar. Não estou com um bom pressentimento. Está tudo bem?

Olivia: Depois eu explico. Posso ficar uns dias na sua casa? É urgente.

Zoey: Claro. Quer que eu te busque?

Olivia: Por favor.

Zoey: Já estou indo. Me passa o endereço.

Olivia: Washington Street, 75.

Cinco minutos depois:

Zoey: Cheguei.

Olivia: Já estou descendo.

Saí como se estivesse em uma missão de sobrevivência. Cada passo calculado. Cada ruído, um risco. Consegui destrancar a porta sem fazer barulho e entrei no carro.

Só então respirei.

— Obrigada... — sussurrei. — Eu estou apavorada.

Zoey me olhou, séria.

— O que aconteceu?

Engoli em seco.

— A Lilly... eu acho que ela matou a Susie.

Contei tudo. O avental. O porão. O quadro. A foto marcada com “X”.

— Você tirou fotos? — Zoey perguntou.

— Tirei. Aqui estão.

Ela assentiu.

— Você vai tomar um banho e dormir no quarto de hóspedes. Amanhã vamos contar tudo ao doutor Paul.

— Ok.

Eu estava exausta. Física e emocionalmente.

Deitei.

Apaguei.

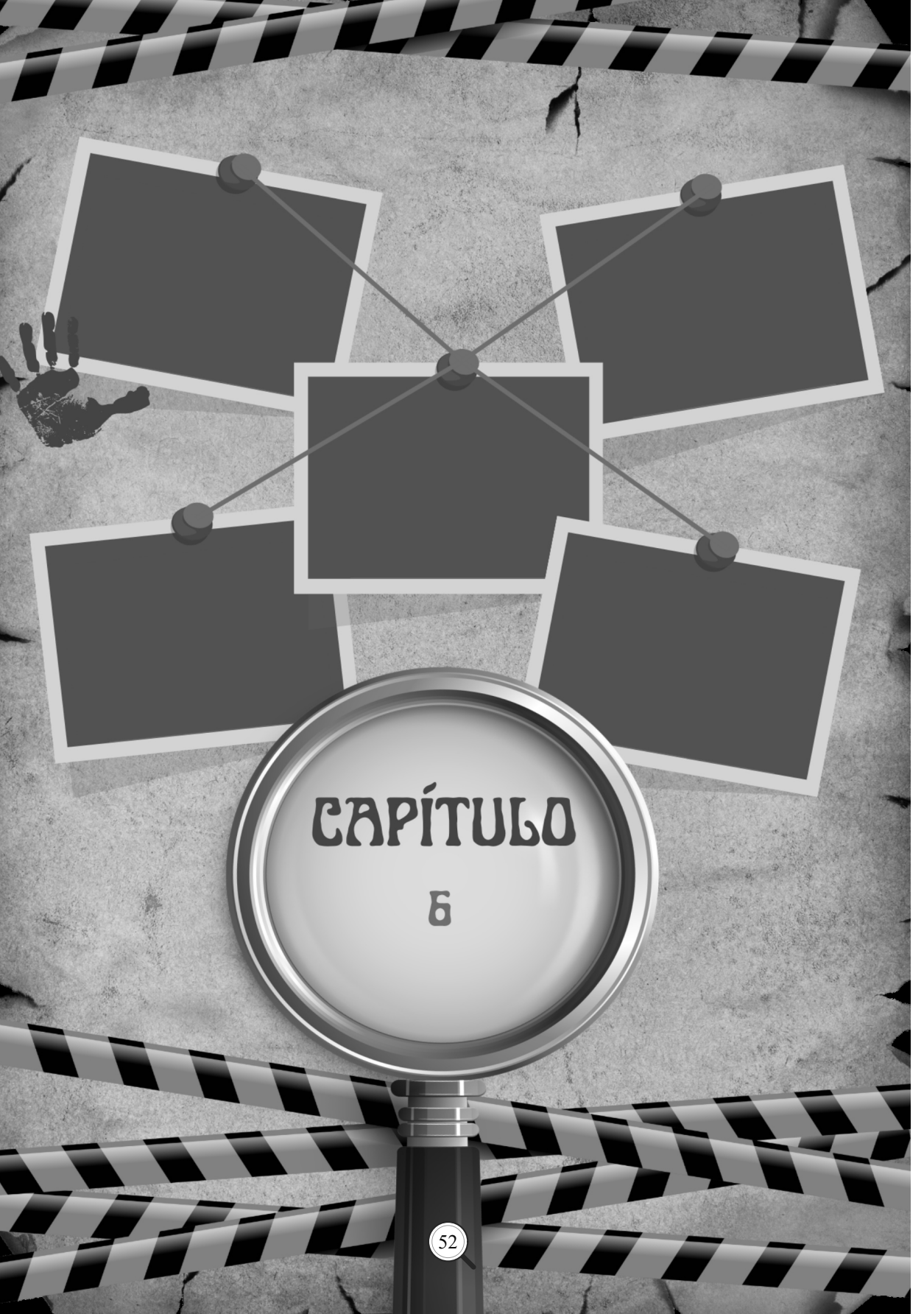
Na manhã seguinte...

Não lembrava de quase nada com clareza.

Mas o medo ainda estava lá.

E agora ele tinha nome.

Lilly.



CAPÍTULO

6

05:55

Achei que tivesse dormido bastante.

Mas, na verdade, foram apenas três horas.

Não acordei por vontade própria. Acordei com o toque insistente do celular vibrando na mesa de cabeceira.

Era a Lilly.

Meu quarto ficava longe do da Zoey, então não precisei me preocupar em acordá-la. Fiquei encarando o nome na tela por alguns segundos, respirando fundo.

Mais cedo ou mais tarde, isso ia acontecer.

Criei coragem e atendi.

— O que você quer, Lilly?

— Quero saber por que você não está mais aqui!

— Infelizmente... isso não vai ser possível.

— Você está sendo muito ingrata! — a voz dela subiu de tom imediatamente. — Quem te acolheu quando seus pais faleceram? Eu! Quem ficava do seu lado nos intervalos das aulas? Eu! Quem te defendeu quando faziam bullying com você? Eu!

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

Cinco. Talvez mais.

Então começou a gritar — a voz embargada de choro.

— VOCÊ É UMA INGRATA! UMA MAL-AGRADECIDA!

— Lilly, fala baixo, por favor...

— NÃO! ME FALA AGORA POR QUE VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI!

— Eu não posso. Entende isso de uma vez por todas.

A mudança foi abrupta.

— Se é isso que você quer... tudo bem — disse, fria de repente.

— Mas você vai se arrepender eternamente.

Meu corpo gelou.

— Isso é uma ameaça?

— Talvez sim. Talvez não. Você não faz ideia do que está prestes a acontecer.

— Como se eu tivesse medo de você.

— CHEGA! ME FALA AGORA ONDE VOCÊ ESTÁ!

— Eu já disse que não!

— OLÍVIA, RESPONDE AGORA! ONDE VOCÊ ESTÁ? EU ESTOU MANDANDO!

E foi aí que algo dentro de mim quebrou.

— EU JÁ DISSE QUE NÃO! — perdi a paciência. — Onde eu estava com a cabeça quando te considerei minha amiga?

— Não esquece que, se não fosse por mim, você não teria onde morar! — ela disparou. — Você é uma mal-agradecida!

— E você é insuportável, meu amor.

— Você é ingrata e egoísta!

— Do que adianta me chamar de egoísta se eu sempre fiz tudo o que você pediu?

— Você está me chamando de mandona?

— Se a carapuça serviu...

— Repete!

— Se a carapuça serviu.

— Não ouvi. Repete!

— MEU DEUS, VOCÊ ESTÁ SURDA? EU DISSE: SE A CARAPUÇA SERVIU!

Ela riu. Uma risada controlada. Calculada.

— Não percebeu? Você acabou de fazer o que eu pedi.

Engoli a raiva.

— Você sempre achou que tinha direito de mandar em mim. No meu trabalho. Na minha vida pessoal.

— Me prova isso, então.

Respirei fundo.

— Lembra quando eu estava escolhendo o curso da faculdade? Quando eu queria ser escritora?

— Sim.

— Você me chantageou. Disse que, se eu seguisse esse sonho, me esqueceria.

— Eu fiz isso para o seu bem!

Eu ri. Sem humor algum.

— Desde quando destruir o sonho de alguém e empurrar essa pessoa para um caminho que ela odeia é fazer o bem?

Silêncio.

— Você tem certeza de que era minha amiga? — continuei. — Porque eu já não tenho certeza de mais nada relacionado a você.

— Eu sou seis anos mais velha que você — ela respondeu. — Tenho mais experiência de vida. Você deveria ter mais respeito.

— Eu estou tentando! — rebati. — Mas você não colabora. E não... eu ainda não terminei.

— Então continua. Vamos ouvir a rainha da razão.

— Você sempre soube que eu nunca quis ser advogada. Mas quis isso por mim. Pelo dinheiro. Ou seja... além de mandona, você é chantagista.

— Como ousa?

— Não se faça de vítima. Tenho que ir trabalhar. Tenha um bom dia.

Ela começou a falar, mas desliguei.

Fiquei ali, imóvel, com o celular na mão.

Um peso enorme começou a se formar dentro do meu peito.

E então a pergunta veio — cortante:

Será que estou fazendo a coisa certa?

Fechei os olhos.

Lembrei do porão.

Da faca.

Do quadro.

Se eu ainda estivesse lá... talvez o pior já tivesse acontecido.

Tentei voltar a dormir.

Fracassei.

Fiquei acordada até a Zoey entrar no quarto.



07:07

— Bom dia — ela disse, com cuidado.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Dormi. E você?

— Se eu disser que sim, vou estar mentindo.

Ela me analisou por alguns segundos.

— Ela ligou, não foi?

— Como você sabe?

— Superpoder de audição — respondeu, irônica. — Brincadeira.
Eu ouvi a briga. Você falou um pouco alto... mas quem nunca?

— Desculpa. Não era pra isso acontecer.

— Relaxa. Uma hora isso ia explodir mesmo. Mas... como você está?

— Longe de estar bem.

Olhei o relógio.

— Não temos que ir para a advocacia?

— Hoje vamos mais tarde. O doutor Paul avisou.

— Só a gente?

— Todo mundo. Mas... o que ela falou?

Respirei fundo.

Contei sobre meus pais. Sobre o acidente. Sobre o que ela jogou na minha cara.

— Eu sinto muito — Zoey disse, sincera.

— Obrigada. — Suspirei. — Eu só estou com medo.

— Medo de quê?

— De estar errada. De estar acusando alguém inocente.

Ela assentiu.

— A gente que trabalha nessa área sente isso o tempo todo. Mas medo não significa culpa. Significa consciência.

Fiquei em silêncio por alguns segundos.

— É verdade que você nunca quis ser advogada? — ela perguntou.

— Sim. Meu sonho sempre foi escrever livros.

— E por que desistiu?

— Porque a Lilly me obrigou. Disse que era melhor para mim.

— Você não deveria ter deixado.

— Eu não tive escolha.

— Teve, sim. A vida é sua.

— Não. Ou eu obedecia... ou ficava sem casa.

Zoey ficou quieta.

— Se eu tivesse te conhecido antes, você teria escrito seu livro...
e morado aqui.

Sorri, emocionada.

— Obrigada.

— E agora?

Pensei por um instante.

— Vou continuar como advogada até esse caso terminar.

Depois... eu saio e escrevo meu primeiro livro.

— E se a Lilly for inocente?

— Não volto. Vou ficar aqui até conseguir um lugar meu.

Zoey sorriu.

— Você já tem um lugar. Aqui.

— Não vou incomodar?

— Se fosse incomodar, eu não teria convidado.

Rimos. Respirei fundo antes de pedir:

— Zoey... não conta pra ninguém que eu vou sair da advocacia.

Principalmente para a Lisa.

— Segredo guardado. O assunto nasce aqui e morre aqui.

— Obrigada.

E, pela primeira vez em dias, senti algo diferente do medo.

Talvez não fosse segurança. Mas era direção.

E, pela primeira vez... eu estava escolhendo por mim.



CAPÍTULO

7

Lembram quando eu disse que tinha um talento inacreditável para nunca chegar atrasada, mesmo com pouquíssimo tempo?

Pois é... acho que dessa vez esse talento se aposentou, porque chegamos à advocacia em cima da hora. Mas, no fim das contas, deu tudo certo. Entramos na sala, cumprimentamos todos e fui direto falar com o doutor Paul.

— Bom dia, doutor Paul! Peço desculpas pelo atraso.

— Bom dia, Olívia. Sem problemas.

— Eu sei que o senhor está ocupado, mas preciso falar com o senhor. É importante.

— Do que se trata?

— É sobre o caso da Susie. Acho que temos uma nova suspeita.

— Ok. Vá para o seu lugar, por gentileza.

— Mas eu preciso—

— Vá para o seu lugar, por favor.

— Ok, muito obrigada.

Achei que ele tinha me ignorado completamente. Mas eu não fazia ideia do que estava por vir.

— Bom dia, pessoal!

— Bom dia! — todos responderam em coro.

— Temos uma atualização importante sobre o caso da Susie. Advogada Olívia, venha aqui e relate o que aconteceu, por favor.

Engoli em seco e caminhei até a frente da sala.

— Bom dia novamente. Durante a madrugada, encontrei algumas coisas no porão da casa onde eu morava. Havia uma faca jogada no chão, suja de sangue, e um quadro com várias fotos. Uma delas era muito parecida com uma foto da Susie e estava marcada com um X vermelho.

Max cruzou os braços.

— Então você se entregou? Foi você quem matou a Susie?

— Não! Eu não matei a Susie! — respondi, sentindo o sangue ferver. — Foi a minha ex-colega de casa. Quando cheguei, a roupa dela estava suja de sangue, e ela mentiu dizendo que era do “curso” de maquiagem.

— E se realmente for do curso dela? — Max provocou.

— Não é. Eu pesquisei e descobri que ela trancou o curso há duas semanas. Além disso, ela era fã da Susie, e aquela foto era justamente a favorita dela.

— Ainda acho que foi você — ele insistiu.

Zoey se levantou imediatamente.

— Ela está dizendo a verdade! Ela me mandou mensagem pedindo ajuda, com medo de que algo pudesse acontecer com ela!

— Eu conferi as fotos e as mensagens — acrescentou Lisa. — O relato da Olívia precisa ser investigado. Então, não fale do que você não sabe.

— Vocês não vão brigar, né? — o doutor Paul interveio.

— Não, não vamos — respondeu Lisa.

— Acho bom mesmo. Olívia, pode voltar para o seu lugar e preparar a ficha da nova suspeita, por favor.

— Sim, senhor.

FICHA DA SUSPEITA

NOME

Lilly Dallas

IDADE / NASCIMENTO

33 anos / 16 de junho de 1991

NACIONALIDADE

Australiana

VÍNCULO COM OLÍVIA

Colega de apartamento

Fotos de Susie e de outras pessoas no porão. Faca com manchas escuras. Objetos e relato encaminhados à polícia para verificação.

SITUAÇÃO: EM APURAÇÃO

— Temos outra atualização — continuou o doutor Paul. — Encaminhamos o material à polícia. As suspeitas aceitaram ser ouvidas aqui amanhã, sexta-feira, com seus advogados presentes.

— Inclusive com a nova suspeita? — perguntou John.

— Sobre isso... Olívia, consegue avisá-la sobre a entrevista?

— Claro. Será no horário de trabalho, certo?

— Exatamente. Por hoje é isso. Estão dispensados. Tenham um bom dia.

Assim que saímos da advocacia, Lilly me ligou novamente. Provavelmente queria continuar a briga. Atendi, falei apenas o necessário e desliguei.

Agora, a única coisa que nos restava era trabalhar duro e nos preparar ao máximo para o interrogatório.



BILLY DALLAS

Era o sábado anterior ao show.

Olívia e eu tínhamos combinado de ir juntas ao cinema. Mas, no fim das contas, cada uma acabou indo para um lado diferente.

Tudo por causa do que aconteceu horas antes.

— O que você acha dessa combinação? — perguntei. — Camisa branca de manga longa, calça jeans preta, sobretudo bege e essa bota preta de cano baixo.

— É linda. Ficaria muito bom em você.

Franzi a testa.

— Em que momento eu disse que era para mim?

— Como assim? — ela perguntou, confusa.

— Eu escolhi para você. Para facilitar.

— Mas eu não vou usar isso.

Eu tinha pensado nela. Escolhido cada peça com cuidado. E era assim que ela me agradecia?

— Vai sim. Escolhi com tanto carinho. Vai fazer desfeita?

Ela se levantou, colocou a mão no meu ombro e disse:

— Eu agradeço, mas já tinha pensado no que usar hoje.

Afastei a mão dela.

Usei meu tom mais doce.

— Mas olha essas peças lindas que separei pensando em você.

Coloquei as roupas sobre a cama e comecei a guardar as que ela havia escolhido.

Foi então que ela começou a chorar.

— Não acredito que você está assim por causa de roupa — falei, com a mão na cintura.

— Não é por causa da roupa. É por sua causa.

Parei.

— Como assim?

— Você não deixa eu fazer o curso que quero. Não posso sair com minhas amigas. Nem sozinha. Porque, segundo você, “é mais seguro”.

Fiquei indignada.

— Tudo o que fiz foi pela sua segurança. E você me agradece assim?

— Lilly, ser preocupada e ser possessiva são coisas diferentes.

A palavra ecoou.

Possessiva.

Respirei fundo.

— Quer saber? — joguei as roupas no chão. — Você só sai se usar o que eu escolhi.

— E se eu não quiser ir com nenhuma?

— Então eu vou sozinha.

— Ótimo. Enquanto você vai ao cinema, eu vou sair com minhas amigas. Com a roupa que eu quiser.

Sorri.

— Boa sorte. Se voltar intacta.

Ela pegou a bolsa.

— Fica tranquila. Hoje eu não volto para ir ao cinema com você.

A porta bateu.

Fiquei sozinha.

Chateada.

Mas também aliviada.

Naquela semana, minha cantora favorita faria um show em Chicago. Eu tinha vendido o ingresso para pagar o aluguel — ou foi isso que disse.

Mas a verdade é que eu precisava daquele dinheiro.

E precisava de uma chance.

Uma vez, mandei para ela uma caixa de chocolates da marca favorita dela. Um gesto simples.

Ela gravou um vídeo:

— Pessoal, não sei quem me mandou isso, mas por questão de segurança não posso aceitar. Não me enviem comida ou presentes para minha casa, por favor.

Eu entendi.

Mas precisava me expor daquela forma?

Eu tinha contado no trabalho que mandara os chocolates. Quando viram o vídeo, virei motivo de piada. Foi tão humilhante que precisei me demitir.

Ela seguiu com a vida.

Eu fiquei com o prejuízo.

Mas, dessa vez, seria diferente.

Consegui uma maneira de ir ao show.

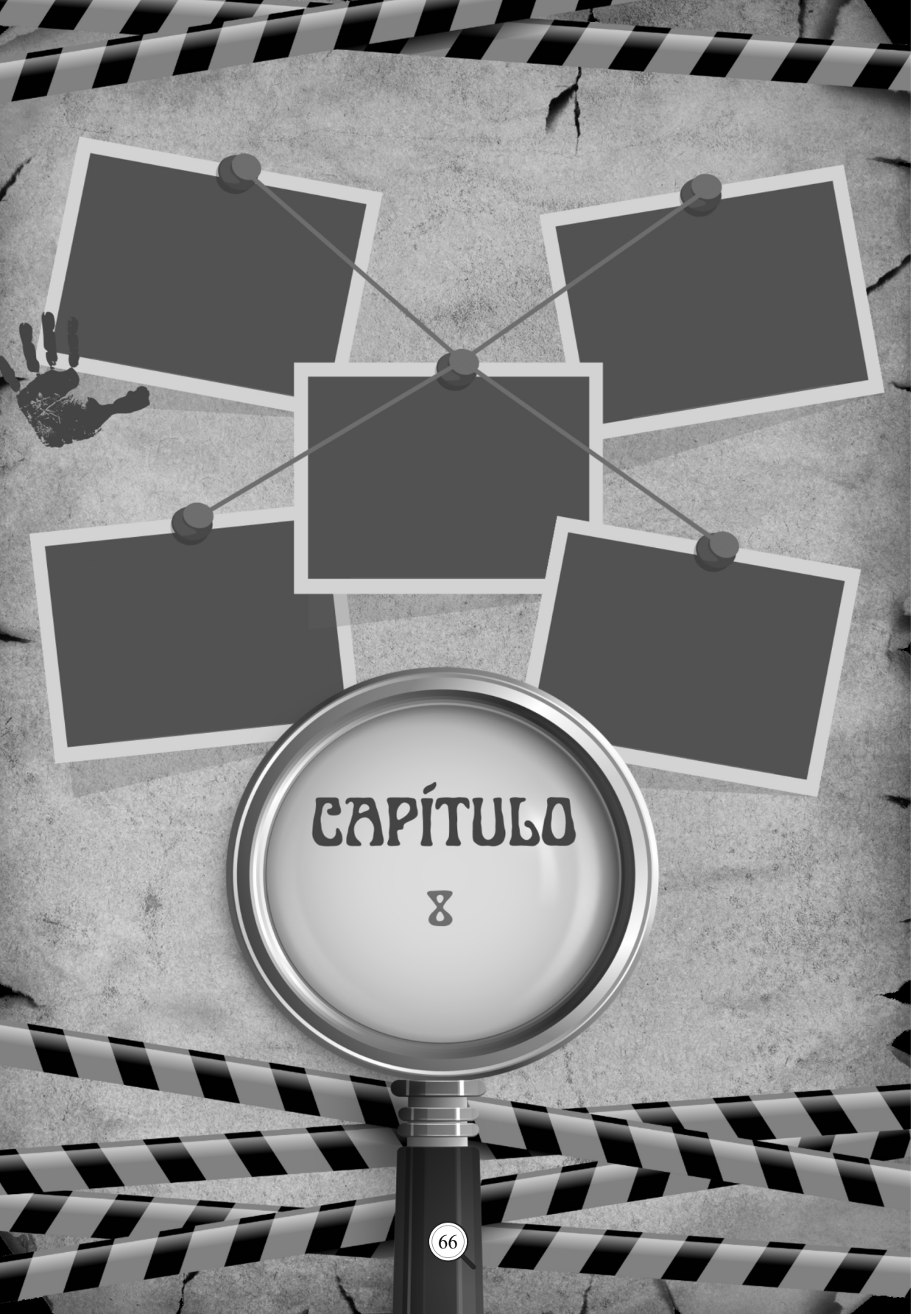
E, para que minha vingança acontecesse, eu só precisava do que já tinha em casa:

Um conjunto de roupas pretas.

Um boné preto.

Uma máscara descartável.

E uma faca.



CAPÍTULO

8

Sexta-feira, 16 de agosto de 2024

Mais uma vez chegamos atrasadas. O interrogatório estava prestes a começar, mas ainda deu tempo. Sempre existe um lado bom.

Entramos na sala. Um investigador acompanharia as entrevistas. As suspeitas tinham aceitado comparecer, com seus advogados. A primeira era Sasha.

Lisa apontou para o aparelho sobre a mesa.

— É um detector de mentiras?

— Um polígrafo — explicou o investigador. — Mas não vamos usá-lo. Não é ele que decide quem diz a verdade. Precisamos conferir os relatos com as provas.

Senti um certo alívio. E também mais responsabilidade.

Zoey começou, depois de o advogado de Sasha confirmar que ela queria responder.

— Srta. Anne, onde estava no dia 4 de agosto?

— Na casa de shows. Eu estava terminando a maquiagem de Susie quando saí para buscar um produto no carro.

— E quando voltou?

— Ela estava no chão. Achei que fosse uma brincadeira. Depois vi o sangue.

Sasha baixou os olhos.

— Toquei no braço dela. Foi assim que sujei os dedos. Pedi que chamassem uma ambulância.

Conferi minhas anotações. A saída aparecia nas câmeras. Faltava confirmar todo o trajeto até o carro.

Pela primeira vez, entendi o tamanho da diferença entre suspeitar e provar.

O investigador anotou os horários. Sasha e seu advogado deixaram a sala. Emma entrou em seguida.

— Srta. Cooper, por que foi aos bastidores? — perguntou Zoey.

— Queria fazer uma surpresa para Susie. Ela tinha me convidado para o show, mas eu disse que meu carro estaria na oficina. Não era verdade.

— Como entrou?

— Uma funcionária me ajudou. Cheguei antes de Susie e fiquei esperando no camarim.

— Vocês conversaram? — perguntei.

Emma respirou fundo.

— Sim. Fazia tempo que não conversávamos daquele jeito. Ela pediu desculpas por ter se afastado de mim depois do Astro Star.

— Quanto tempo ficou lá?

— Não olhei o relógio. Uns quinze minutos, talvez. Vocês podem conferir nas câmeras. Saí para ela se arrumar.

— Lembra das últimas palavras que ouviu dela?

Os olhos de Emma se encheram de lágrimas.

— “Até daqui a pouco.” Eu disse “até” e fui embora. Achei que ainda fosse vê-la no palco.

Ninguém falou por alguns segundos.

Eu conhecia aquela sensação. Uma despedida comum, uma frase qualquer. Depois, a vida inteira tentando lembrar como tinha soado.

O investigador pediu o nome da funcionária. Emma forneceu e se colocou à disposição para esclarecer os horários.

Assim que Emma saiu, comparei suas respostas com as imagens. O relato fazia sentido, mas ainda seria conferido.

A próxima a entrar foi Lilly, acompanhada de uma advogada. Dessa vez, meu coração já não estava tão firme.

— Srta. Dallas, onde...

— Olívia, você me conhece — ela me interrompeu. — Não precisa me chamar com tanta formalidade.

Respirei fundo.

— Srta. Dallas, onde estava no dia 4 de agosto?

— Em casa.

— Alguém pode confirmar? — perguntou o investigador.

— Eu moro com ela — Lilly respondeu, apontando para mim.

— Eu não estava com você o tempo todo — falei.

O investigador mostrou uma das fotos que eu tinha enviado.

— Estes objetos estavam no porão do seu apartamento?

Lilly olhou para a advogada antes de responder.

— Algumas fotos da Susie. Nada demais.

— E a faca? — perguntou Zoey.

— Eu uso para fazer efeitos de maquiagem.

O investigador anotou a resposta. Pela primeira vez desde que entrou, Lilly desviou os olhos de mim.

Eu queria gritar que ela estava mentindo. Mas querer não bastava. Precisávamos descobrir o que aquelas manchas eram.

— A senhora ainda frequenta o curso de maquiagem? —
perguntou o investigador.

— Não.

— Quando saiu?

— Há algumas semanas. Isso não quer dizer nada.

A advogada de Lilly pediu para conversar com ela em particular.

A entrevista terminou ali.

Zoey me olhou, mas não disse nada. Eu também fiquei quieta.

Por último, Annie Ashley entrou na sala.

— Srta. Ashley, onde estava no dia 4 de agosto? — perguntou
Zoey.

— No meu quarto.

— A senhora ligou para Susie antes da morte dela?

— Sim. Nós brigamos. Eu disse coisas horríveis.

— Como o quê? — perguntei.

Annie apertou as mãos no colo.

— Disse que esperava que ela desaparecesse da minha vida. Mas
não queria que morresse.

— Por que brigaram?

— Por uma coisa antiga. Nós tínhamos dezessete anos quando
ela entrou no Astro Star. Eu também queria participar. Até hoje não
consigo falar disso sem sentir inveja.

— Por inveja, seria capaz de matar Susie?

— Não! Eu estava magoada. Fui cruel. Mas não fiz isso.

O investigador pediu que ela detalhasse seus horários e quem
poderia confirmar que estivera em casa.

— E quando soube da morte dela? — perguntei.

— Achei que fosse mentira. Só caiu a ficha quando transmitiram o velório.

Annie começou a chorar. Seu advogado pediu uma pausa. Depois dos últimos esclarecimentos, os dois foram embora.

Lisa cruzou os braços.

— Lilly ficou muito tensa quando viu a foto.

— Isso não prova que matou alguém — disse Zoey. — Mas o álibi dela não foi confirmado, e ela mudou de assunto quando perguntaram do curso.

Engoli em seco.

— E aquelas fotos no porão? Se forem outros alvos?

O investigador recolheu as anotações.

— Vamos apurar. Não procurem Lilly sozinhas. Se ela ameaçar vocês, avisem a polícia.

Só respirei melhor depois que ele saiu.

Ficamos na advocacia até o fim do expediente. Paramos para almoçar e depois fomos escovar os dentes. Lisa ficou — decidi descansar um pouco.

Enquanto escovávamos os dentes, Zoey tocou no assunto que eu vinha evitando.

— Quando o caso terminar, já sabe o que vai fazer?

— Sim. Acho que este será meu primeiro e último caso como advogada.

Ela sorriu.

— Eu sabia que você ia se dedicar a outra coisa.

— Só não conta nada para a Lisa, por favor.

Mas, como se o universo estivesse ouvindo, Lisa entrou naquele exato momento.

— Então quer dizer que você vai sair da advocacia e nenhuma das duas ia me contar?

Meu coração despencou.

— Lisa, eu posso explicar...

— Não precisa — ela disse, a voz embargada. — Já entendi.

Você vai nos deixar... não tem ideia do quanto isso me magoa.

— Elisa, escuta o que a Olívia tem a dizer — pediu Zoey.

— Elisa? — perguntei.

— É o nome dela. “Lisa” é só apelido.

Ela enxugou as lágrimas.

— Vai. Fala.

Respirei fundo.

— Eu nunca quis ser advogada. Meu sonho sempre foi escrever. Promover literatura. Contar histórias. A Lilly me pressionou por causa do dinheiro. Mas prometi a mim mesma que, quando este caso terminasse, eu correria atrás do meu verdadeiro caminho.

Lisa respirou fundo, os olhos marejados.

— Então faça o que precisa fazer — disse, chorando. — Seja feliz. Mesmo você tendo escondido isso de mim... eu vou te apoiar.

Ela me abraçou com força.

E chorou como eu nunca tinha visto antes.



CAPÍTULO

9

Ficamos abraçadas por cerca de dez minutos.

Quando tentei me afastar, Lisa caiu novamente em meus braços. Seu rosto estava pálido como flocos de neve, e percebi imediatamente que algo estava errado — sua pressão havia despencado.

Corremos para o hospital, que ficava a poucos minutos dali. Após cerca de meia hora de espera, recebemos a notícia: Lisa havia sido diagnosticada com uma doença rara.

Na verdade, ela já sabia havia algum tempo. Mas, por algum motivo, nunca contou a ninguém.

Ela foi internada. O médico autorizou nossa entrada no quarto. Quando nos viu, seus olhos brilharam como holofotes em uma noite escura.

A conversa que tivemos ali foi tão intensa, tão verdadeira, que até hoje acredito que nunca tive — e talvez nunca terei — outra igual.

— Vocês vieram... por mim — disse ela, com a voz fraca.

— Claro que viemos — respondeu Zoey, sem hesitar.

— Nunca vamos soltar a sua mão — completei, segurando a dela com firmeza.

Lisa sorriu suavemente.

— Olívia... vem aqui.

Aproximei-me da cama. Ela segurou minhas mãos com delicadeza e pediu:

— Fecha os olhos e pensa no seu futuro. O que você vê?

Fechei os olhos.

— Vejo um futuro brilhante... e um legado que vai marcar muitas pessoas.

— É isso que você quer, não é?

— Sim. É o que eu sempre quis.

— Então faça sua trilha — disse Lisa, com esforço. — Siga seu coração. Ajude as pessoas. Só me promete uma coisa.

— O quê?

— Seja uma boa pessoa. Seja a luz de esperança que está faltando em muitas crianças, adolescentes, adultos... e até idosos.

Engoli o choro.

— Eu prometo. Não vou te decepcionar.

Ela apertou minhas mãos.

— Nunca deixe ninguém apagar o seu brilho.

Depois disso, Lisa me abraçou.

Poucos segundos depois, perdeu a consciência.

Levei a mão ao pulso dela e senti o desespero me atravessar como uma lâmina. Algo estava muito errado.

— Zoey, chama a enfermeira! Agora! — gritei.

16:57

Os médicos tentaram de tudo. Fizeram o impossível.

Mas, infelizmente... Lisa não resistiu.

Naquele momento, uma das minhas melhores amigas — dessa vez, uma amiga de verdade — faleceu em meus braços.



Dois dias depois, eu ainda mal conseguia acreditar que tinha perdido uma amiga.

Nunca imaginei que isso aconteceria. Não daquele jeito.

Não queria sair da cama. Não queria abrir as janelas. Não queria encarar o mundo.

A cada dia que passava, o medo aumentava.

Medo do que poderia acontecer.

Medo de errar.

Medo de estar acusando a pessoa errada.

As chances de Lilly ser culpada estavam ficando cada vez mais altas, e minha cabeça não parava um segundo sequer. Pensava em mil possibilidades ao mesmo tempo.

Não conseguia aceitar a morte da Lisa. Muito menos tudo o que estava acontecendo ao meu redor.

Quando senti que não conseguiria segurar as lágrimas, fui para o banheiro. Precisava esconder minhas fraquezas. Precisava ser forte por Zoey.

Mas, enquanto me olhava no espelho, só conseguia pensar:

Por que tudo isso está acontecendo?

Por que eu peguei esse caso?

Quando saí do banheiro, Zoey estava na porta. Não sei se estava me esperando ou se também queria usar o banheiro.

Ao vê-la, não consegui mais sustentar a máscara. As lágrimas escorreram sem controle. Zoey também começou a chorar e me abraçou com força.

Naquele instante, entendi uma coisa importante:

Está tudo bem ser humana.

Está tudo bem chorar às vezes.

Mesmo que o mundo pareça estar contra você.

Você não chora por ser fraca.

Você chora porque está aguentando coisa demais sozinha há tempo demais.

Mesmo devastada, lembrei das palavras da Lisa. Eu podia ter dúvidas sobre muitas coisas na vida. Mas havia uma certeza absoluta: ela não gostaria de ver aquela tristeza dominando nossos dias.

Ela não gostaria de ver a gente desistindo.

Mesmo não estando mais entre nós, eu queria continuar carregando suas memórias. As piadas de tiozão. A vez em que ficou presa na catraca da advocacia. O entusiasmo absurdo quando me conheceu.

Porque eram essas pequenas coisas que faziam a Lisa ser a Lisa.

Não podemos fazer absolutamente nada além de lembrar dos momentos especiais, deixá-la descansar em paz... e seguir vivendo.

Porque, como dizem meus cantores favoritos: a vida continua.

— Vou sentir falta dela — disse Zoey, com a voz baixa.

— Eu também.

— Será que ela está vendo a gente?

Olhei para o céu pela janela.

— Tenho certeza de que sim.

Zoey respirou fundo.

— Espero que tenha TV no céu.

Franzi a testa.

— Por quê?

— A quinta temporada de *Amores e Amores* lança amanhã. A gente tinha combinado de assistir juntas.

Um sorriso triste escapou de mim.

— Quer assistir comigo?

— Quero.

O clima ficou um pouco mais leve. E então pensei na piada que Lisa provavelmente faria naquela situação.

— Pelo menos ela teve uma vantagem.

— Qual? — Zoey perguntou.

— Vai conhecer a Susie antes da gente... e pode perguntar o que realmente aconteceu. Porque nós ainda não sabemos tudo o que aconteceu naquele camarim.

Zoey soltou uma risada sincera — a primeira em dias.

— O pior é que você está certa.

E naquele momento, percebi que, mesmo no meio do luto, ainda era possível rir.

E talvez... fosse exatamente isso que Lisa queria.



CAPÍTULO

10

Depois de tudo o que aconteceu, pedimos que a audiência preliminar fosse adiada.

A audiência estava marcada para segunda-feira, 19 de agosto. Depois da morte de Lisa, foi remarcada para uma semana mais tarde.



SEGUNDA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2024

Chegou o dia de voltar ao tribunal.

Eu ainda não sabia quanto tempo faltava para encerrar o caso. Só sabia que precisava ir até o fim.

Zoey ainda estava triste. Eu a entendia perfeitamente. Eu também me sentia assim. Mas, por mais difícil que seja admitir, a vida não pausa por causa da dor.

Ela continua.

Acordei e fui direto para a cozinha preparar um chá. Para minha surpresa — algo que até hoje tenho dificuldade de acreditar — Zoey já estava acordada.

Como amiga, fui imediatamente até ela.

Abracei-a com cuidado e disse:

— Zoey, vai ficar tudo bem, tá? Eu sei que é difícil aceitar... mas nossas vidas não podem ficar paradas para sempre.

Ela suspirou antes de responder:

— Eu sei... já aceitei. Só não consigo acreditar. Por que aquela lesada da Lisa não contou que estava doente?

Engoli em seco.

— Talvez ela não quisesse nos preocupar.

— Mas, se tivesse contado, poderíamos tê-la ajudado — disse Zoey. — Eu só queria entender.

— Eu também — respondi. — Mas precisamos ir, tá?

Ela assentiu e enxugou o rosto.

09:20

Chegamos ao tribunal quase em cima da hora. Lilly já estava na sala com a advogada. Nosso lugar era junto à família de Susie.

A polícia havia cumprido um mandado de busca no apartamento. O laudo esclarecia as manchas do porão: eram maquiagem cênica. A faca de lá era diferente da recolhida no camarim. Por um instante, achei que tivéssemos acusado a pessoa errada.

Mas havia outras provas.

O promotor apresentou as imagens de uma câmera da entrada de serviço. Nelas, Lilly tirava o boné e a peruca loira ao sair. A polícia encontrara a peruca e as roupas pretas no apartamento. O exame das roupas identificara sangue de Susie.

Eu olhava para Lilly, tentando reconhecer a amiga com quem tinha dividido tantos anos.

A advogada dela questionou os horários das gravações e a coleta das roupas. O investigador explicou o registro dos arquivos e dos objetos recolhidos.

Em minhas mãos, eu apertava o relatório das entrevistas de 16 de agosto. Tantas páginas. Tantas vezes em que eu tinha desejado que a resposta fosse outra.

O promotor pediu a exibição das imagens. A tela foi posicionada, e a gravação começou.

Lilly entrou pela porta de serviço e seguiu até o camarim. O rosto estava coberto. Na saída, outra câmera a mostrava sem o disfarce.

Era ela.

Ainda assim, ouvir aquilo de outra pessoa foi diferente.

— A acusação tem elementos para prosseguir — disse o juiz, depois de ouvir as partes.

Lilly se inclinou para a advogada e falou alguma coisa. Em seguida, se levantou.

— Deve haver um erro! Exijo que revejam tudo!

A advogada pediu que ela se sentasse.

— Vamos tratar disso pelos meios adequados. Deixe que eu fale.

— Não! Vocês não sabem de nada! — Lilly gritou.

O juiz interrompeu a sessão.

— Srta. Dallas, contenha-se. A senhora tem direito de se defender. Isso não lhe dá o direito de ameaçar ninguém.

Ela me procurou entre as pessoas da sala.

Quando nossos olhos se encontraram, senti o mesmo medo daquela madrugada no porão.

Eu quis desviar. Não consegui.

Lilly riu, mas não havia graça nenhuma naquele som.

— Querem saber a verdade?

A advogada voltou a pedir que ela ficasse em silêncio. Lilly não ouviu.

Lilly deu um passo para longe da mesa. O rosto estava tomado por ódio.

E gritou:

— EU MATEI A SUSIE! ESTÃO SATISFEITOS AGORA?

O caos começou. Ela derrubou uma cadeira e empurrou o microfone. Os policiais se aproximaram.

— É melhor vocês se cuidarem! — gritava. — Antes que eu mate todos vocês!

Os olhos dela pousaram em mim.

— E você também, Olívia. Se cuide... ou a próxima será você.

O ar sumiu dos meus pulmões.

— Contenham a ré! — ordenou o juiz.

Os policiais a afastaram da mesa. Ela se debatia, gritava, tentava se soltar. Sua advogada recolheu os papéis e foi atrás dela.

Quando Lilly foi retirada da sala, o silêncio pareceu ocupar tudo.

Zoey segurou minha mão.

— Olha para mim. Respira.

Eu tentei.

Aquela audiência não encerrava o processo. Ainda haveria provas a examinar, pedidos da defesa e decisões pela frente.

Mas eu já não precisava me perguntar se tinha inventado o perigo.

Lilly tinha dito. Na frente de todos.

Mesmo assim, eu demorei a acreditar que finalmente estava longe dela.

Meses depois, o processo chegou ao fim. As provas tinham sido examinadas, e Lilly reconheceu a culpa com sua advogada presente. Ela recebeu uma longa pena de prisão. Zoey me encontrou na saída do tribunal.

— O pessoal vai almoçar naquela churrascaria nova perto da advocacia. Vamos?

Olhei uma última vez para o tribunal. Para o fim daquele capítulo.

— Acabou — murmurei.

Saí da sala com uma sensação estranha.

Zoey percebeu.

— Olívia, está tudo bem?

— Está... só acho que conheço aquele homem de algum lugar.

— O juiz?

— Sim.

— Ah! Ele participou de um programa de televisão sobre direito.

Era tipo um treinamento para futuros advogados.

Meus olhos se iluminaram.

— Sabia! Eu assistia direto.

Ela riu.

— Claro que assistia.

— Mas vamos logo, senão vão deixar a gente para trás... e eu não pretendo perder nem um pedacinho de carne grelhada.

— Ok! Vamos!

Seguimos pelo corredor com uma leveza que eu não sentia havia meses. Não era apenas pelo churrasco — embora, sejamos honestas, isso ajudasse bastante.

Era porque o caso tinha terminado.

A justiça tinha sido feita. E, pela primeira vez desde que tudo começou, eu sentia que poderia finalmente... começar a viver a minha própria história.



CAPÍTULO

11

Chegamos rapidamente à churrascaria. Ela ficava bem perto do tribunal e ao lado da advocacia, como se o destino tivesse planejado aquela transição simbólica entre o fim de um caso e o começo de algo novo.

O lugar era sofisticado. Rodízio completo, opções veganas, culinária japonesa e um ambiente elegante, iluminado por luzes suaves que deixavam tudo mais acolhedor.

Escolhemos uma mesa grande e pedimos as entradas.

Confesso que a comida era boa — apesar de a carne estar um pouco mais dura do que deveria —, mas, ainda assim, adorei ter ido. O clima estava leve. Quase como se o peso das últimas semanas tivesse finalmente se dissolvido no ar.

No fim do almoço, o doutor Paul se levantou e veio até mim.

— Olívia, observei seu desempenho neste caso. Seu esforço realmente me chamou a atenção.

— Muito obrigada — respondi, surpresa.

Ele sorriu, satisfeito.

— Você vai ser promovida.

Meu garfo parou no ar.

— Promovida?

— Sim. Quero que você seja meu braço direito na advocacia.

Aceita?

Por um segundo — apenas um — considerei dizer sim.

Ser reconhecida. Crescer. Construir uma carreira sólida.

Mas então pensei nos livros.

Pensei nas histórias que sempre quiseram nascer dentro de mim.

E pensei na última conversa que tive com Lisa.

Naquele instante, eu soube.

Não havia outra escolha.

— Eu agradeço muito a proposta — comecei, com sinceridade —, mas acredito que quem merece essa promoção é a Zoey.

doutor Paul franziu a testa.

— Como assim? Por quê?

— Por dois motivos. Primeiro, porque a Zoey trabalhou incansavelmente para que esse caso fosse solucionado. Ela merece esse cargo. Por favor, ofereça a ela.

Ele olhou para Zoey, depois voltou o olhar para mim.

— E o segundo motivo?

Respirei fundo.

— Eu vou deixar meu cargo de advogada.

O silêncio à mesa foi imediato.

— Como assim? — ele perguntou.

— Sou extremamente grata por todo o tempo que estive aqui, mesmo que tenha sido curto — respondi com calma. — Mas estou mudando o rumo da minha vida.

— Você está saindo da advocacia?

— Sim. Vou deixar de ser advogada para me tornar escritora. Amanhã mesmo tenho uma reunião com uma editora.

Uma a uma, as pessoas à mesa começaram a se levantar.

Zoey foi a primeira. Os olhos dela brilhavam — não de tristeza, mas de orgulho.

Então, todos começaram a aplaudir.

— Desejamos tudo de bom, Olívia!

Levei a mão ao peito.

— Muito obrigada, gente... de verdade.

E como estou me sentindo agora?

Bem. Muito bem.

Depois que deixei a advocacia e segui em direção à editora, senti algo que nunca havia experimentado antes.

Realização.

Não aquela que vem do reconhecimento externo.

Mas a que nasce quando você finalmente decide ser fiel a si mesma.

Ao chegar até aqui, lembrei-me de uma conversa que tive com Lisa.

Lembro como se fosse ontem.

As palavras que mais me marcaram foram:

“Faça o que você tem que fazer, e você será feliz.”

Na época, eu não compreendi totalmente o que ela quis dizer.

Hoje, enquanto escrevo este livro, finalmente entendo.

Felicidade não é estabilidade.

Não é aprovação.

Não é segurança.

Felicidade é coragem.

Assim, encerro esta curta etapa da minha vida como advogada — marcada por mistérios, perdas e descobertas — e dou início à longa jornada da minha vida como autora.

Ainda tenho muitas histórias para contar.

Mas isso...

Isso já é outra história.

Com carinho,

Olívia.